

B. Grob : a luta continua

O diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Luís Sérgio Batista, o Pica-Pau, que está acampado em frente à multinacional alemã B.Grob, recebeu nesta semana a solidariedade de dezenas de trabalhadores da região. O protesto é pela sua demissão e de outros companheiros, e também pelo fim das pressões e perseguições.

O Pica-Pau recebeu também a solidariedade do deputado federal Vicentinho, que se comprometeu a denunciar as práticas anti-sindicais da empresa em seu primeiro pronunciamento desta semana na tribuna da Câmara. "Quero reforçar as denúncias que o Sindicato já fez sobre o caso, porque é inadmissível uma empresa desrespeitar direitos consagrados dos trabalhadores", disse Vicentinho.

O Sindicato dos Metalúrgicos alemães, o IG Metall, apresentou ontem à matriz da B. Grob documentos sobre a conduta anti-sindical da fábrica de São Bernardo e exigiu que a empresa determine à filial a imediata reintegração de Luis Sérgio Batista, o Pica-Pau, diretor do Sindicato.



Está prevista para hoje uma reunião entre Claudia Rahman, do departamento internacional do IG Metall, com a matriz da B.Grob.

O acampamento na frente da empresa começou no dia 10 último pela manhã, com a realização de ato denunciando as demissões arbitrárias, o clima de insegurança na fábrica e os ataques da empresa à organização dos trabalhadores.

Sem qualquer evolução nas negociações com a fábrica, entra hoje no 16º dia o acampamento de protesto que o diretor do Sindicato, Luis Sergio Batista, o Pica-Pau, realiza diante dos portões da G. Grob, em São Bernardo. Semana passada houve reunião do Sindicato com a empresa e as conversas não evoluíram.

"Queremos, aqui no Brasil, o mesmo tratamento que a B.Grob tem com seus funcionários lá na matriz, com respeito aos trabalhadores e seus direitos" comenta o diretor José Paulo Nogueira, o Zé Paulo. "A empresa não pode continuar adotando uma atitude repudiada no mundo todo que é a perseguição à organização no local de trabalho", prossegue o dirigente.

Ele lembra que o Sindicato já denunciou a situação de Pica-Pau também para a Embaixada da Alemanha, e para a matriz da B. Grob, também na Alemanha.

Um churrasco coletivo foi a forma encontrada pelos representantes de trabalhadores de várias fábricas para levar sua solidariedade e apoio ao companheiro Pica-Pau.

Se o impasse prosseguir, a próxima denúncia será feita junto à Organização Internacional do Trabalho, uma entidade que defende o direito de organização sindical em todo o mundo.

Apesar da insistência do Sindicato em buscar alternativas, a B.Grob demitiu 30 trabalhadores desde maio e a rádio peão fala que tem mais. Ela alega baixa produção num momento em que o setor de máquinas continua crescendo.

O presidente do Sindicato, José Lopez Feijóo, notificou oficialmente ao governo alemão a prática anti-sindical da B.Grob, que ataca a organização dos trabalhadores e tem realizado demissões arbitrárias e ilegais. Ele denunciou a demissão arbitrária e ilegal de Pica Pau. "Aqui no Brasil, a relação da B.Grob com os trabalhadores é no chicote e com o movimento sindical é atrasada.



Sabemos que na matriz alemã os direitos são respeitados, enquanto aqui no Brasil o que impera é o autoritarismo da empresa”.

O documento foi protocolado junto à Embaixada Alemã no Brasil, depois de audiência entre Feijóo e o responsável pelo Conselho Social da Embaixada.

O representante da embaixada alemã se comprometeu a encaminhar a denúncia ao governo de seu país. “Se as multinacionais respeitam os trabalhadores nas plantas da matriz, não têm porque passar por cima de direitos em outros países”, lembrou o presidente do Sindicato.

Respeito ao código de responsabilidade social

A Comissão de Fábrica na Mercedes encaminhou à montadora a denúncia das práticas anti-sindicais da B.Grob, lembrando que todos fornecedores da empresa devem respeitar o código de responsabilidade social.

O coordenador da CF, Walter Souza, disse que a Mercedes pode exigir de seus fornecedores respeito ao direito de organização dos trabalhadores, que não é seguido pela B.Grob. Ele lembrou que a B.Grob alemã segue o código de responsabilidade social, mas aqui no Brasil a prática é diferente.

O IG Metall, sindicato dos metalúrgicos alemães, foi informado, provavelmente pela B.Grob brasileira, que o diretor do Sindicato Luís Sérgio Batista, o Pica-Pau, não foi mandado embora da empresa, mas pediu para ser demitido.

“Isso é um absurdo”, desabafou o Secretário de Organização da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM-CUT) e membro do CSE na Mercedes-Benz de São Bernardo, Valter Sanches. “Se o Pica-Pau queria sair, por que está acampado diante da fábrica há mais de uma semana reivindicando sua readmissão?”, perguntava Sanches. “Essa história não tem sentido e precisa ser esclarecida”, desabafou.

Ele encaminhou ao Departamento Internacional do IG Metall documentos e fotos desmentindo a versão e contando a verdadeira história, com a luta do dirigente. O diretor da CNM também denunciou a B. Grob por prática anti-sindical e por atacar a organização dos trabalhadores, além de realizar demissões arbitrárias e ilegais.

“Se precisar, o Comitê Mundial dos Trabalhadores na Mercedes vai exigir que as plantas da montadora deixem de comprar máquinas da B.Grob”, avisou Souza. (com base em textos de Raquel Camargo nas edições da Tribuna Metalúrgica desta semana).

DEBATE

NECESSITAMOS AINDA DOS SINDICATOS?

LOCAL
Auditório da CUT
Rua Caetano Pinto, 575
1º andar – Brás
São Paulo

Haverá tradução simultânea

PROMOÇÃO

05 DE SETEMBRO 2005
14:30 – 17:30
AUDITÓRIO DA CUT

Speakers:
Oskar Negt
João Felício
Artur Henrique da Silva Santos

Logos:
ESCOLA SINDICAL SÃO PAULO CUT 1993 - 2003
CUT
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG 80
GOETHE-INSTITUT SÃO PAULO

"PT não criou política alternativa"

"PT não criou política alternativa", diz Carneiro

Ricardo Carneiro, economista e professor da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)

A política econômica do governo está blindada. Não contra choques externos ou internos, mas contra mudanças que a tornariam mais adequada ao país. "Ela tem um formato que a blindou até contra o voto popular", diz Ricardo Carneiro, economista e professor da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

O economista não é filiado ao PT, mas diz ter uma "ligação forte" com o partido.

Participou, em 2002, com economistas como Luiz Gonzaga Belluzzo (professor da Unicamp), Aloizio Mercadante (hoje líder do governo no Senado) e Guido Mantega (hoje presidente do BNDES, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), das discussões para a elaboração de uma proposta de política econômica para o futuro governo de Luiz Inácio Lula da Silva. A proposta foi depois ignorada pelo governo.

"A grande tragédia do governo Lula é que ele passou a idéia, exatamente por ter capitulado, de que não existe política econômica alternativa", lamenta Carneiro.

Leia a seguir os principais trechos de entrevista que ele concedeu à Folha na sexta-feira:

Folha - A economia está blindada contra a crise política, contra a queda do ministro da Fazenda?

Ricardo Carneiro - Não se responde a essa questão apenas para um fato, para a queda de um personagem. A crise tem o efeito de empurrar a política econômica para uma receita mais ortodoxa. Não acho que esteja blindada, está assumindo feição mais ortodoxa.

Folha - Pelo menos do ponto de vista do mercado financeiro...

Carneiro - Se comparamos as políticas de Lula e de FHC, nada mudou. Só mudou marginalmente, para sermos justos. Pode ter uma política de crédito com mais ênfase, mas ao mesmo tempo a política de juros foi mais dura, e os superávits primários, mais altos. Desse ponto de vista, a tese da blindagem faz algum sentido. Ela tem um formato que a blindou até contra o voto popular, contra a mudança. As figuras, sejam elas quem forem, são menos importantes. As elites econômicas criaram um modelo que atravessa pessoas e governos.

Folha - A economia está menos vulnerável aos choques externos.

Carneiro - Estamos melhor porque temos menos endividamento externo e se exporta muito. Eu tenho dúvidas quanto à sustentabilidade das exportações, já que nós contamos com desempenho excepcional do comércio mundial e com alta das commodities. No curto prazo, do ponto de vista de liquidez, o Brasil ainda é frágil. Com os juros altos, o país internalizou recursos de curto prazo de várias formas, derivativos de mercado de juros e câmbio, investimentos em carteiras, posições de bancos. Tudo isso significa o seguinte: é um fator de bloqueio para fazer política de juros melhor. Se fizer, tem um choque de câmbio. Desse ponto de vista, a economia é muito vulnerável.

Folha - O crescimento dos últimos dois anos não é resultado da política econômica?

Carneiro - Primeiro, quando se argumenta que o Brasil cresceu 5% em 2004, que vai crescer 3,5% neste ano, não se diz que cresceu muito menos do que os demais países. Isso não é por causa da miscigenação do povo brasileiro, é produto da política econômica equivocada. Os problemas persistem. Apesar do grande impulso que veio de fora, da melhor conjuntura externa dos últimos 30 anos, os problemas internos não foram resolvidos. O crescimento é baixo, a dívida é alta, a riqueza, concentrada. A política econômica do governo Lula nem sequer trata dessas questões.

Folha - Existe alternativa?

Carneiro - Claro que há alternativa. Essa história de que não há alternativa está sendo construída de uma forma bastante inteligente pelas instituições, pelo próprio governo e pela mídia. Em qualquer meio de comunicação, para cada economista heterodoxo, são ouvidos dez ortodoxos. Você pega hoje a gestão da política de metas de inflação. Há, inclusive na literatura internacional, nas escolas dos grandes centros hegemônicos, uma vasta literatura mostrando os problemas e alternativas. No caso da política cambial, não só há uma literatura extensa

sobre a fragilidade dos países periféricos como existem na prática políticas cambiais completamente diferentes.

Folha - Onde?

Carneiro - Boa parte dos países asiáticos faz política diferente. A Argentina, depois que passou pela crise, optou por mudar sua política. A grande tragédia do governo Lula é que ele passou a idéia, exatamente por ter capitulado, de que não existe política econômica alternativa. Agora, vamos assistir a uma onda conservadora. As forças mais progressistas não terão como resistir a isso. Cada vez que o governo se enfraqueceu politicamente, a resposta sempre foi mais ortodoxia.

Folha - Os quadros do PT não tinham opções?

Carneiro - O problema com o PT foi a interdição que o partido e o governo impuseram no debate econômico. Que o governo tenha feito eu entendo, porque precisa de unidade de ação. Mas que não seja discutido dentro do partido é um equívoco. O PT não contribuiu com nada para criar alternativas, o debate ficou a cargo de pessoas independentes, que seguiram com seu trabalho.

Folha - Com o que o sr. chama de capitulação do PT, qual a força que pode mudar a política econômica?

Carneiro - Nós imaginávamos, e eu falo não como intelectual ou economista, mas como quem militou por isso, nós imaginávamos que a força política para fazer essa mudança era o PT. Não falo de mudança radical, mas de uma mudança de orientação, de retomada da política de desenvolvimento. Qualquer que seja o resultado dessa crise, eu vejo o enfraquecimento político não só do PT, mas também da capacidade de fazer essa transformação.

Folha - O sr. continua no PT?

Carneiro - Eu nunca fui filiado, mas tenho uma ligação forte com o partido. Eu acho que o PT ainda é o instrumento para fazer a mudança. Qualquer pessoa que tenha uma perspectiva progressista deveria lutar dentro do PT. A crise política e a crise moral estão fazendo com que muita gente abandone o PT. Mas imagine a tragédia caso ao invés do PT tenhamos três ou quatro pequenos partidos? Sua capacidade de intervenção fica muito menor. Não vejo força que possa representar setores populares e médios com capacidade de representação como a do PT. Por isso eu ainda acredito na idéia de refundação, de reabilitação do partido, de correção dos erros.

A grande tragédia do governo Lula é que ele passou a idéia, exatamente por ter capitulado, de que não existe política econômica alternativa (Marcelo Billi, da Reportagem Local)

O Concerto e o Desacerto

A Câmara restabelece o salário mínimo de R\$ 300, mas o Banco Central mantém a ganstança com os juros

A Câmara Federal, em uma sessão tumultuada, conseguiu na quarta-feira 17 restabelecer o valor do salário mínimo para R\$ 300, conforme previa a Medida Provisória do Executivo. Derrubou a manobra do Senado, capitaneada pelo PFL, que havia elevado o valor para R\$ 384,29. Bom para a sociedade, pois o montante idealizado pelo senador Antonio Carlos Magalhães geraria um gasto adicional do governo federal de R\$ 16 bilhões este ano. Fora o rombo que causaria no caixa dos municípios, aos quais os deputados são mais sensíveis, pela sua proximidade e comprometimento eleitoral.

Na mesma seara das finanças públicas, o Comitê de Política Monetária (Copom) voltou a demonstrar que, se vive, não é neste mundo. Ainda na quarta-feira, manteve a taxa Selic estável em 19,75% ao ano, repetindo o comunicado da reunião anterior. A prova da insensibilidade do Banco Central é indiscutível: R\$ 512 bilhões, ou 56% da Dívida Pública Mobiliária Federal (débito do governo em títulos), são corrigidos pela Selic. Se o Copom tivesse decidido reduzir a taxa básica em 0,25 ponto porcentual, contentaria o mercado e, por tabela, economizaria nada menos que R\$ 1,28 bilhão no pagamento de juros em termos anualizados. (Mino Carta) (*Carta Capital*, 20.08.2005)

Usiminas e Techint formam holding na AL

Siderúrgicas do Brasil e da Argentina vão controlar usinas em outros três países. O grupo siderúrgico Usiminas, com sede em Belo Horizonte (MG), anunciou ontem a constituição da empresa multinacional Ternium, em associação com o grupo italo-argentino Techint, com sede em Buenos Aires, destinada a controlar as usinas siderúrgicas Siderar, na Argentina, Sidor, na Venezuela, e Hysalmex, no México. A nova companhia, na qual o grupo mineiro deterá 16% do capital, deverá dispor de capacidade instalada de 12 milhões de toneladas e receitas anuais de US\$ 5 bilhões.

Segundo o presidente da siderúrgica mineira, Rinaldo Campos Soares, o grupo Techint, que detém o restante do capital, concluiu, há três dias, a aquisição da siderúrgica mexicana Hysalmex por US\$ 2,2 bilhões e convidou a Usiminas para participar do novo empreendimento, o que foi aceito imediatamente. Na operação, a Usiminas vai participar com ações na Siderar (5,3%) e na Sidor (16,6%), além de um aporte adicional de US\$ 100 milhões.

Segundo Campos Soares, os dois grupos - Usiminas e Techint - já participam, há anos, do controle das siderúrgicas argentina e venezuelana incorporadas ao conglomerado, e a decisão brasileira em se associar na Ternium decorre do clima harmonioso que presidiu suas relações comerciais. "Além disso, será uma excelente oportunidade de ganhar dinheiro, pois seremos o maior produtor de aço da América Latina", explicou. Embora detenha participação minoritária na nova companhia, a empresa mineira terá representantes na sua diretoria, executivos nas áreas técnicas nas três siderúrgicas e fornecerá tecnologia, por meio de assistência técnica e de equipamentos, informou.

A Usiminas é o maior grupo siderúrgico brasileiro, com a produção de 9,5 milhões de toneladas de aços planos em suas duas usinas, sediadas nos municípios de Ipatinga, em Minas Gerais (Usiminas), e Cubatão, em São Paulo (Cosipa). No primeiro semestre de 2005, as duas siderúrgicas registraram o melhor resultado da siderurgia brasileira, acumulando um lucro líquido de R\$ 1,8 bilhão, 104% superior ao obtido no mesmo período do ano passado. Além dos bons resultados operacionais e financeiros, ambas apresentaram uma grande redução do endividamento, da ordem de R\$ 3,6 bilhões, contribuindo para a viabilização de novos investimentos.

Em junho as ações preferenciais da Usiminas passaram a ser negociadas na Latibex, bolsa européia onde são negociados os papéis das empresas latino-americanas. O objetivo, segundo Campos Soares, é negociar as ações em euros, no mercado internacional, facilitando o acesso à comunidade financeira européia. Segundo o comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários, a Usiminas informou que a Techint é um grupo internacional de companhia com operações globais focadas principalmente nos setores de aço e energia com vendas de aproximadamente US\$ 11 bilhões e 50 mil funcionários. No País, a corporação, de origem italiana, está presente desde 1952, através da Techint Engenharia, voltada para obras civis e construção de linhas de distribuição de energia e edificações de unidades industriais. Também detém o controle da Confab Industrial, fabricante de tubos de aço soldado.

As três usinas siderúrgicas controladas pela Ternium produzem 12 milhões de toneladas de aços planos e longos. A Sidor é a maior da Venezuela e produziu no primeiro semestre 1,9 milhão de toneladas de aço bruto. A Siderar, da Argentina, comercializou 1,2 milhão de toneladas no semestre. A mexicana Hysalmex produz 5,5 milhões de toneladas anuais de aços longos e planos (Durval Guimarães) (*Gazeta Mercantil*, 26.08.2005)

Acordo automotivo com Argentina

O acordo provisório para o setor automotivo entre a Argentina e o Brasil só deverá ser concluído dentro de dois meses, segundo um dos negociadores brasileiros que se reuniram ontem em Buenos Aires.

Embora o Brasil tenha o desejo de iniciar o livre comércio do setor a partir de 2006, conforme previa o acordo em vigor desde 2001, a Argentina não vai abrir mão de postergar essa decisão, conforme declarações do secretário de Indústria da Argentina, Miguel Peirano.

As negociações prometem ser complicadas, mas neste início das discussões, as delegações de ambos países afirmam que tentarão chegar a um consenso "dentro de um ou dois meses sobre o acordo provisório a partir de janeiro de 2006", no intercâmbio bilateral de veículos e autopeças. Peirano explicou que apesar de a Argentina pedir a prorrogação para o início do livre comércio, ainda não propôs uma data para essa abertura. No entanto, fontes da indústria argentina revelam que o governo de Néstor Kirchner pensa que o ano de 2008 seria viável para seu país.

A Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) argumenta que postergar o livre comércio, pela segunda vez, poderia comprometer novos investimentos, além de colocar em risco as indústrias de ambos países devido ao avanço da China nesse setor. "Se a Argentina e o Brasil recuarem novamente, estarão dando um espaço para a China em terceiros mercados e também no mercado doméstico dos dois países", afirmou uma fonte da Anfavea. (*Tribuna da Imprensa*, 26.08.2005)

CNM-Internacional é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes

Jornalista Responsável : Antonio Carlos Castro (MTb 36.741/SP)

internacional@cnmcut.org

<http://www.cnmcut.org.br>